

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Per anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Santa Francisca Romana, viuva

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes que não tenham ainda pago as suas assignaturas, de que vamos enviar saques para o correio, desde o dia 20 do corrente, na importância de 850 reis, sendo os 50 reis devidos á despesa que se faz com os saques.

Pedimos que tenham em vista este expediente, para não virem devolvidos os saques, pois que assim nos obrigam a novas despesas.

Ha ainda muitos assignantes que estão em dívida do anno passado. Para esses, chamamos toda a attenção, para não soffrerem a suspensão do jornal, ficando sem a obra da «Vida de S. José,» que está actualmente em publicação.

Pedimos aos mesmos snrs. que, quando tenham de nos escrever, nos declarem o nu-

mero que tem na cinta do jornal, para mais facil expediente.

Uma offensa á religião

Lê se nos telegrammas do «Primeiro de Janeiro», no seu numero de 7 do corrente:

«Lisboa, 6 — O dr. Alexandre Braga foi hontem preso, por não querer descobrir-se, á passagem da procissão de Ramos, nem retirar-se do local em que estava. Conduzido ao juizo de instrucção criminal, saiu affiançado.»

«Lisboa, 6 — A «Epoca» protesta contra a prisão do dr. Alexandre Braga, que não quiz tirar o chapéo á passagem da procissão de Ramos. Aquella folha, de que é redactor principal um illustre advogado, diz:

«Se a religião do Estado é a Catholica, não se esqueça que todas as outras são permittidas; e um catho-

lico pode, por delicadeza, tirar o chapéo a um culto que não segue, mas não tem obrigação de o tirar.»

Até aqui o que dizem os telegrammas, agora nós:

E' fugir da questão o que diz o jornalista que escreveu na «Epocha.» O Art.º 6.º da Carta Constitucional diz que a religião do estado é a catholica apostolica romana. Diz tambem que todos os cultos são permittidos, *comtanto que se respeite a religião do estado.* Logo, não pôde passar um protestante, ou um qualquer livre pensador, por uma procissão do culto catholico, em qualquer terra de Portugal, sem que se descubra, porque d'outra forma ninguem dirá que *respeita a religião do estado.* Outra coisa ahi se depara, que fêre as vistas. Diz-se ahi que *um catholico não é obrigado*—já se vê em Portugal—*a tirar o chapéo a um culto que não segue.* Perfeitamente d'accordo. Mas isso com relação a um catholico, facto que presentemente se não deu, porque o snr. dr. Alexandre Braga não se descobrindo na passagem d'uma procissão catholica, mostrou que o não era. Ora, sendo a religião catholica a religião do estado, é obio que os catholicos *não são obrigados* a descobrir-se perante procissões d'outro culto, nem em Portugal são permittidas essas procissões, porque até os proprios templos não catholicos, segundo a lei fundamental do paiz, não podem ter forma exterior de templo.

Mas ha mais. O codigo penal castiga quemquer que seja que não respeite a religião catholica, o que parece ignorar o tal illustre advogado, se foi elle que redigiu o *suelto* em questão.

Mas, pondo de parte tudo isso, está-nos parecendo que um cavalheiro bem educado, *que não tenha odio systematico á religião,* não deixa de descobrir-se á passagem d'uma procissão, para que ainda mesmo que a sua falta de crencas o não convide instinctivamente a fazel-o, bastaria pensar que essa religião é respeitada e acatada pela lei do paiz, e que a grande maioria da nação se curva respeitosa perante ella, para elle (ao menos por mera delicadeza), se descobrir.

—Depois de escripto este artigo, vemos que o snr. dr. Alexandre Braga tentou justificar-se n'uma carta que publicou n'alguns jornaes da capital. A justificação, porém, é por tal forma dubia, que nos apraz crer que s. ex.ª não foi sincero quando escreveu a carta.

A.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

V

Já vimos que as imagens do Sudario não pôdem ser o resultado d'uma obra pictural, nem o resultado d'um contacto ou d'um processo mechanic. Então, pergunta-se, como se formaram ellas?

Segundo M. Paulo Vignon, essas imagens são o resultado d'uma impressão a distancia, projectada pelo corpo que foi deitado n'este lençol, impressão analoga ás acções photo-chimicas. Faz notar que, effectivamente, as imagens obedeceram á lei que rege todas as acções d'este genero. Eis essa lei: «A impressão foi tanto mais energica, quanto menor era a distancia que separava o corpo do sudario.

Eis como elle se exprime na sua eruditissima monographia já citada: «Em primeiro logar, a imagem é realmente uma especie de impressão e segue a lei geral das impressões. Por um lado, para que a imagem se forme, é preciso que o panno *conheça*, d'um ou d'outro modo, a porção correspondente do objecto. Por outro lado, se o

panno não estiver bem esticado, se *envolver* o objecto, *conhecerá* successivamente planos differentes do corpo a reproduzir; a impressão será semelhante a um desenho que nós fazamos, girando progressivamente em torno do objecto: ficará gravemente deformada.

«Ora, as nossas imagens participam por esta dupla maneira das condições habituaes das impressões. Em primeiro logar, se fôrmos a procurar as partes lateraes da face, as orelhas, o pescço e os hombros, não os encontramos. E' preciso acreditar-se que o panno *não pôde conhecer estas regiões.* Em segundo logar, nós distinguimos nas barrigas das pernas da imagem da frente, ou ainda nos tornozellos, que coincidem quasi com o bordo inferior da photographia, vestigios bem evidentes d'um envolvimento. Então, n'estes pontos, a imagem deformou-se por *excesso*; nas primeiras estava igualmente deformada, mas por *defeito.*

«Mas, por outra parte, as nossas imagens são o resultado d'uma impressão mais sensivel que as impressões por contacto simples, pois que em certos pontos, e muito nitidamente no rosto, produziu-se um verdadeiro modelado.

«Dizendo-se d'outro modo, não ha deformação nas regiões, adeante dos quaes o panno passava sem se affastar sensivelmente d'um plano. Se então, n'estas regiões, ha todavia um modelado, como se dá igualmente n'um desenho, é porque sobre este panno liso se fez uma projecção. *Alguna cousa* emanou do corpo e actuou sobre o panno. E como os cavados do Santo Sudario estão menos energeticamente reproduzidos que os relevos, é preciso admittir que este *alguma cousa* operava com uma força decrescente á medida que augmentava a distancia á qual o corpo podia actuar sobre o panno de linho. Mas qual é então a lei que nós acabamos de desenvolver? Não é mais nem menos que a grande *lei das distancias*, aquella que rege todos os phenomenos naturaes. A sua energia de acção está, pois, na razão inversa do quadrado das distancias.»

E estas acções, conformemente á lei das distancias, de que natureza são?

Sabe-se, ha cinco ou seis annos, que um certo numero de emanções chimicas são capazes de actuar sobre as placas photographicas. Demais, certos metaes radio-activos, como o famoso radio, emittem verdadeiras emanções que tambem pôdem actuar sobre as ditas placas, á semelhança da propria luz.

M. Paulo Vignon, com a collaboração de M. Colson, repetidor de physica na Escola Polytechnica de Paris, conseguiu precisar as condições em que se effectua essa acção sobre as placas photographicas, quando resulta da emissão de vapores chimicamente activos. Empregando quer medalhas, quer objectos em relevo, cobertos de pó de zinco que é um corpo chimicamente activo, e collocando esses objectos na visinhança immediata de placas photographicas muito sensiveis, Vignon e Colson conseguiram obter sobre estas placas verdadeiros negativos, perfeitamente modelados, dos objectos submettidos a esta operação.

No entanto, no caso do Sudario, não se pôda invocar uma acção identica a esta. Effectivamente, um corpo humano não é comparavel a um pó metalico chimicamente activo como é o zinco, e o panno d'um lençol não é o homologo d'uma placa photographica. E' necessario investigar ainda.

Dizem-nos, porém, as Escripturas que José d'Arimathêa empregara no enterramento de Christo certos balamos e essencias aromaticas entre os quaes predominava o aloes. Sabe-se tambem que os hebreus tinham o costume de empregar nos seus embalsamentos uma mistura de azeite, aloes e myrha com a qual untavam o cadaver ou o panno destinado a mortalha.

Ora, o aloes goza da propriedade de se deixar brunir fortemente pelas substancias oxydantes como os alcalis. Mas um cadaver, se estiver coberto d'um suor febril, assim como certamente devia estar o de Christo, emite muito rapidamente vapores ammoniacaes.

Portanto, já que por um lado os vapores ammoniacaes brunem o aloes, e pelo outro o corpo de Christo não podia deixar de emittir vapores d'este genero, impregnado como estava de abundantes suores de ureia quando foi sepultado, é perfeitamente admissivel que o Sudario se encontrasse chimicamente impressionado por estes vapores organicos, do mesmo modo que uma placa photographica é impressionada pelos vapores de zinco.

MM. Vignon e Colson fizeram uma serie de experiencias com pannos assim embebidos os quaes ficaram brunidos tanto mais energicamente quanto havia uma distancia mais fraca entre o corpo, qualquer que elle fôsse, capaz de emittir vapores ammoniacaes e o panno que se tinha collocado sobre esse corpo.

Explicada a razão scientifica das imagens, isto é, se um homem esteve deitado sob este Sudario e se a sua imagem se communicou a elle por meio d'uma impressão a distancia, resta saber quem foi esse homem ou antes provar que elle fôra a mortalha de Jesus.

Para isso, vamos estudar, no capitulo seguinte, as imagens do lençol mais detidamente.

(Continua.)

P.

LITTERATURA

A França está aqui! . . .

Reuter chegou á escola, acompanhado de Muller e Schwab.

Os tres entraram juntamente na sala, onde sessenta creanças escutavam a doce palavra do professor, um homem novo, de rosto austero, mas benevolo e alegre que sorria, explicando-lhes por meio d'uma vara uma lição de geographia n'uma grande carta colorida.

O professor levantou-se da cadeira e veio ao encontro dos visitantes. Ensinava assim o respeito á authoridade. O seu acolhimento foi, portanto, muito polido.

Entre os estudantes, Reuter avistou um gentil rapaz de louros cabellos encaracolados, de olhos maliciosos e sorriso bregeiro.

Esta creança, collocada na primeira fila e que se tinha posto a pé, como todas as outras, á entrada dos tres inspectores, estava modestamente vestida de lucto.

O inspector farejou logo esta preza. Disse ao professor que ia interrogar livremente os seus alumnos.

O professor assentiu como tinha obrigação. Então no meio d'um grande silencio, Schwab aproximou-se da creança vestida de lucto e com um tom brutal fez-lhe varias perguntas que a pobre creança respondeu gentilmente sem sequer tirar o seu olhar malicioso da figura grotesca do pedante germanico.

—Como te chamas?

—João Hammerlé.

—Quantos annos tens?

—Doze.

—Qual é a tua religião?

—A catholica romana.

—O teu pae?

—Morreu pela patria.

—Ah! tu trazes lucto por elle?

—Ha dez annos. Meu pae, os meus dois tios e o meu avô eram soldados.

—Está bem. Eu não quero saber tanto. . . O que estudas?

—O que me ensinam.

—Ah! sim, tu estudas geographia?

—Sim, senhor.

—Sabes, por exemplo, quaes são as principaes nações da Europa?

—Sim, senhor.

—Vejamos. . .

O pequeno alsaciano respondeu:

—As principaes nações da Europa são: a França. . .

—A França! uivou Reuter, pallido de cólera.

—A França! berrou Schwab, rubro de furor.

—A França! vociferou Muller, livido de raiva.

E todos tres, a unisono, rugindo com gestos furiosos: —A primeira nação do mundo. . . a mais bella, a mais rica, a mais nobre, a mais leal, a mais gloriosa, a mais invencivel, a mais illustre, é a Allemanha!

A creança perturbada, pallida de emoção, repetia machinalmente:

—A França! . . . A França! . . . A França! . . .

—O que é a França exclamou Muller, um paiz arruinado, devastado, conquistado, vencido. . .

E Schwab, solemnemente:

—Uma expressão geographica!

E Reuter, triumphante:

—O que é a França? Onde está ella? Pequeno desgraçado, sabel-o tu sómente. . . Oh! tu não o sabes. E's um imbecil. . . Sabes onde está a França? Onde está ella, onde? . . .

Então João Hammerlé, o pequeno alsaciano de cabellos louros, levantou-se com uma emoção indizivel, as faces afogueadas por uma generosa indignação, os olhos fulgurantes com uma altivez feroz.

E, como todos os seus condiscipulos olhavam para elle, admirando o seu aspecto firme e inabalavel e o seu rosto illuminado com um clarão divino, deu um passo para a frente.

Em seguida, despedaçou fremente a sua blusa negra, e batendo com força no peito como se quizesse comprimir as pulsações do seu coração revoltado:

—A França, exclamou com uma voz sonora e vibrante que retiniu até ao fundo da vasta sala; a França. . . está aqui! . . .

(Trad de P.)

CHARLES BUET.

CRITICA AMENA

Os bugalhos

Os carvalhos dos nossos campos e mattas apresentam profusamente espalhadas pelos seus ramos umas excrescencias globosas, contendo um pó rico em tanino, as quaes são produzidas pela picada de um insecto afim de introduzir por este modo sob a epiderme da planta os seus ovos.

A estas excrescencias devidas á irritação causada pela presenca d'um corpo extranho n'um tecido vivo, e ao consecutivo desenvolvimento da larva do insecto, a linguagem dá-lhes o nome de bugalhos, ou nez de galha.

As especies de carvalhos que apresentam galhas são principalmente o *Quercus Ilex*, o *Q. Robur*, o *Q. Pyrenaica*, e o *Q. Infectoria*. A galha d'este ultimo é devida ao desenvolvimento anormal dos seus ramos novos, determinado pela picadura do *Cynips Gallæ tinctoria*. Esta excrescencia produz-se ao redor do ovo que a femea depõe no tecido novo; a larva desenvolve-se e nutre-se no pro-

prio centro da galha, cuja colheita se faz antes que este hymenoptero a perfure para sahir d'ella, depois de ter adquirido o seu desenvolvimento completo.

Quem, pois, ignorar estas circumstancias, não sabe que nome dar áquelle appendice da planta, senão o d'um fructo, não reparando que assim d'esta maneira fica o carvalho dando dois fructos: a glande e o bugalho, phenomeno ainda não observado em planta alguma.

Além d'isso, para a noz de galha ser um fructo, faltam-lhe todos os seus caracteres inherentes, v. gr. não provém d'uma flor, não é o ovario fecundado e desenvolvido, não tem a estrutura d'um fructo, não pôde germinar de per si, etc.; como, pois, chamar-lhe fructo?

Comtudo, o nosso grande historiador Alexandre Herculano, no Monasticon (Monge de Cistér) L. II, cap. XI, na apresentação pittoresca do Doctor Mater Galla Dictus Asinipes, nome latino do Doutor Mem Bugalho Pataburro, falla da noz de galha n'estes termos: «o leve o ôco fructo do carvalho»!

Parece á primeira vista inacreditavel que um homem eruditissimo como era o nosso primeiro historiador, o qual escrevia com extrema propriedade, sendo a sua phrase impeccavel, considerando-se por isso um dos nossos primeiros mestres da lingua, ignorasse a origem da noz de galha, a ponto de lhe dar uma definição impropria, inadmissivel e quiçá pueril.

D'onde lhe proviria aquella falsa noção que o levou a assim escrever?

Folheando nós o Diccionario de Moraes, edição de 1828, lá encontramos o seguinte:—«Bugalho, fructo arredondado do carvalho.»

Aqui está, pois, a verdadeira origem do lapsus. Herculano foi buscar aquella definição ao Diccionario de Moraes, então considerado um oraculo, sem reparar que, se os dictionarios antigos são notaveis na parte classica, são deficientissimos e incorrectissimos na parte scientifica, dando definições erradas e muitas vezes assaz engraçadas.

P.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Abril
15
1903

Faz 1348 annos que foi eleito papa S. Pelagio I. Governou a santa Igreja de Jesus desde 555 a 559.

Pensamentos:

A enxada é um instrumento ou machina simples; o arado é machina mais complicada: ambos fazem o mesmo officio; a dissimilhança não está senão na effoacia. *Oliveira Marreca.*

Fazer uma graça é acto de benevolencia gratuita. Fazer uma mercê é acto de benevolencia recommendada e talvez prescripta pela justiça. Fazer um favor é acto de benevolencia affectuosa, que distingue e prefere a pessoa favorecida. *D. Francisco de S. Luiz.*

E' a cabeça admiravel cidadella do nosso corpo; na cabeça nos enthesourou a natureza as faculdades com que dominamos todas as suas outras creaturas, abrangemos os tempos, calculamos, influimos o futuro, e nos mostramos imagens e vice-gerentes do Creador. *Visconde de Castilho.*

A patria é o complexo de familias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas crenças e até pelo sangue. *A. Herculano.*

A philantropia e a caridade formam na moral dois polos oppostos. A primeira tem os seus motivos na terra, a segunda no céu. *Rodrigues de Bastos.*

Humorismos:

—Homem, dizes tam mal de Raul! Julgava que eras seu amigo.

—E' factu que um dia fez-me um favor; mas d'ahi a quinze dias, recusou-me outro... estamos pagos!

*

Um pobre operario pediu a um medico que lhe fosse vêr a mulher, e que a tratasse em uma grande enfermidade. O medico, vendo-o mal trajado, não foi.

Voltou o pobre homem, e disse-lhe, que, apesar de pobre, tinha uma reserva, e prometteu dar-lhe dez libras, quer a curasse, quer a matasse. O medico foi; mas, passados poucos dias, morreu a doente. Passados os dias da cortesia, pediu o medico as dez libras ao viuvo, e como este lh'as não desse, demandou-o judicialmente. Exposta a questão pelo seu advogado, perante o jury, o juiz perguntou ao reu se aquillo era verdade.

—E' certo, e mais que certo, disse o viuvo. Porém, se me dá licença, farei uma pergunta ao snr. doutor.

Sendo-lhe concedida a licença, disse:

—Eu não lhe prometti dez libras, quer curasse, quer matasse a minha mulher?

—Não ha duvida, respondeu o medico.

—Então responda-me o snr. doutor: curou a minha mulher?

—Não, porque a molestia não tinha cura.

—Então matou-a!

—Deus me defenda! que testemunho! Morreu, porque tinha de morrer.

—Logo se confessa que a não curou nem a matou, temos as contas saldadas.

O jury, cingindo-se á letra da promessa, absolveu o operario, e o medico ficou sem paga, e ainda pagou as custas.

Notas de sciencia:

Os raios Röntgen teem a curiosa propriedade de tornarem luminosos certos corpos, como o platino cyanureto de baryo e de potassio, o tungstato de calcio etc.

Se um quadro antecipadamente coberto d'um d'estes corpos é atravessado, na obscuridade, por um feixe d'esses mysteriosos raios, apresenta nitidamente desenhada a a figura interposta entre o quadro e um tubo de Crookes. Podem assim o medico e o cirurgião examinar á vontade sobre o quadro a maior parte dos órgãos profundos e encontrar as suas lesões.

Para a commodidade do emprego, o quadro luminoso ou *Radioscopia* está collocado na base d'um cone de madeira, ou de cartão preto, em cuja extremidade ha uma abertura para os olhos.

Esse aparelho chamado *cryptoscopia* por Salvioni; *camara escura radioscopia* por Radiguet e *fluoroscopia* por Edison, constitue, com os seus accessorios, a *luneta humana* de Seguy, que collocou o quadro luminoso, na extremidade d'um cone formando folle, como os harmoniums.

Versos escolhidos:

Porque amo a primavera? E' porque as nuvens
N'esses campos do céu tornadas seda
Sem meditar procellas, folgam, brincam,
Das auras ao capricho? E' porque as aves
Dizem seu canto novo ás balsas verdes?
Será porque a esmeralda das campinas
De mil cores se esmalta, e, toda limpida,
A etherea luz, sem veu, se ri nas terras?

Não é, não!... que muitas vezes,
Do inverno as chuvas geladas,

No peito me arrefeciam
Minhas penas abrazadas.

Quando ás vezes de repente,
O céu todo se encobria,
Quando os bosques açoitando
O vento forte bramia;
Quando o gigante das agoas,
Se arrojava á penedia;
Como que olvidando maguas,
Minh'alma então acordava,
Co'a tempestade folgava,
Não amava a luz do dia.

Quero bem á primavera,
Porque a infancia me retrata,
E' uma saudade de infancia,
E' sempre uma pena grata.
Eu quero á primavera,
Como quero ao sol nascente;
Porque é sol que ainda não queima,
E' sol risonho e innocente.

Amo-a, como ao brando arroyo,
Quando inda pobre, inda ignoto,
No occulto valle não sabe
Que o aguarda o mar remoto.

As aguas do arroyinho
Inda não podem matar,
Como em dias de tormenta,
Matam as ondas do mar.

Amo emfim a primavera,
Como a tudo quanto accorda
Dentro d'alma este sonhar
Em dias que já lá vão;
Como tudo o que recorda
Os dias do meu fulgar,
Folgar do meu coração,
Que mais não pôde voltar.

Ai a infancia, que tempo formoso!
Que saudades tudo isto me traz!
Dera os annos restantes, gostoso,
Se podera outra vez ser rapaz!

Folgava umas vezes,
Lá junto ao meu lar,
Folias de bruxas,
Ouvindo contar.
Deixava outras vezes,
Deixava a lareira,
A' doida corria,
Corria á balseira,
Em busca dos ninhos,
E dos passarinhos
De lindo cantar.
Nos ceos, quando a lua
De prata luzia,
Sentava-me á beira
Do mar, que dormia.
Folgava de ver
No céu as estrellas,
Trementes e bellas
Estar a luzir;
Folgava de ouvir
As ondas quebrar
Na praia deserta

A' luz do luar.
Mas, quando o bramido
Ao longe escutava
Do mar, que fervia
De encontro aos rochedos,
O estrondo temia,
Chorava e rezava.
As mãos levantava,
Por terra cahia.
Mas logo esquecia
As sanhas do mar;
Voltava a sorrir,
Voltava a cantar,
E a infancia fugia,
Sem eu o sentir.

Ai! infancia, que tempo formoso!
Que saudades tudo isto me traz!
Dera os annos restantes, gostoso,
Se podera outra vez ser rapaz.

A. RODRIGUES CORDEIRO.

A catechese

Bello e fulgurante é o sol da liberdade que acalenta o nosso espirito dando-lhe impulso para o bem e repellindo todo o mal! Como as tenras plantas que, esquecidas aos cuidados e desvelos da mão carinhosa do jardineiro, se tornam rachiticas, infesadas e afinal morrem sem que nos deixem vêr a forma, côr e aroma de que eram dotadas, assim a pobre criancinha, planta mimosa do jardim eterno e de suavissima essencia e bellas formas, perece e morre, se ao desabrochar não vela sobre ella mão amiga e robusta que a ampare, peito generoso que a acalente e alma viril que lhe dirija o espirito para o bem immorredouro e felicidade da vida eterna. Como a terra arida que o sol não fertilisa só produz abrolhos e espinhos, assim ficará a criancinha sem educação religiosa.

Este anjo tanto mais adorado quanto é mais bello, mas sem essencia, ser nulo para a eternidade. Oh! repito: como é bello e radiante o sol da liberdade! Mas hoje esta palavra liberdade—está mutilada ou para melhor dizer—morta. Liberdade por toda a parte se apregôa, veneram-n'a até com idolatria, mas não é a liberdade genuina que Deus legou ao homem—que é a que o conduz ao bem e felicidade—pelo dominio absoluto do espirito sobre a materia; mas á liberdade que o escravisa até nivelar-se com os seres irracionaes, deixando-o inepto para tudo que é útil para si e para o proximo. Com estas perniciosas idéias se vae embalando a criança; e a desditosa quando chega ao uzo de razão já as suas idéias são um chaos e ignora tudo o que devia saber para a conduzir á senda da felicidade e da honra. De pois os pregoeiros da liberdade, mas que não são mais que da licença, a primeira coisa que fazem é arrancar com mão sacrilega das escolas o crucifixo, esse baluarte sagrado que com voz eloquente diz ao homem: «para te dar a liberdade que perdeste no paraizo terreal com a transgressão dos teus primeiros paes, me escravisei neste patibulo infamante dos justicados».

O nome SS. de Deus não se pronuncia com as crianças e a doutrina não se lhes ensina, e assim se lhes vae deslisando a existencia n'este campo desolador e de densas trevas sem que a infeliz criança seja acalentada com esse sol benefico e vivificante da doutrina christã que ensina a conhecer a Deus e a observar os seus mandamentos e os da e. reja sem os quaes não ha felicidade perduravel. Ao que falta na escola e aos deveres dos paes especialmente das mães, tomam a peito algumas Senhoras

que n'um impulso de generosa caridade e incendido amor pelas criancinhas, se dedicam quaes mães carinhosas e desveladas ao ensino da catechese. E a criança é tão docil e tão inclinada a aprender aquillo que lhe diz respeito á salvação, que, se no exercicio da catechese houvesse espinhos era bastante para compensal-os a docilidade, brandura e dedicacão da criança. Alem d'isto a catechese tem encantos indiscrptiveis. As crianças na catechese fazem me lembrar um jardim de mimosas flores todas voltadas para o sol nascente, que é a catechista, d'onde recebem o viço, frescura e robustez nas verdades salutaes da nossa Santa religião, arma poderosa para resistir aos assaltos que o mundo, demonio e carne hão-de dar a essas mimosas flores, lindas como avezinhas e irrequietas como borboletas. Bem haja pois esse grupo de damas dedicadas da cidade da Virgem, que espontaneamente se dedicam ao sympathico e salutar ensino da catechese; e se eu fosse attendida fazia um appello, mais em nome d'essas centenas de crianças que jazem n'essa illustre e nobre cidade do Porto, nas trevas da ignorancia da nossa Santa religião, ás generosas e illustres damas Portuenses para se unirem n'uma só vontade e dedicarem-se ao eximio ensino da catechese nas egrejas parochiaes e capellas publicas e veria essa illustre falange de Jesus, coroada do melhor exito possivel a sua obra sublime; e a sociedade d'hoje decaida pela ignorancia da doutrina catholica apontal-as-hia como as suas regeneradoras futuras na candida, meiga e sympathica pessoa da criancinha que será a sociedade d'amanhã. Avante pois pela catechese! Sejamos catholicos praticos e patriotas sinceros.

M.M.

Hymnos da Igreja a N. Senhora

Fugida para o Egypto

I

O Rei de suprema gloria,
Da haste d'Abrão prometido,
Os reis indicam que é vindo,
E ao rei declaram nascido.

Irado fica o tyranno,
E á morte o Infante destina;
Mas ao ferro o furta a Virgem,
Guiada de luz divina.

O Filho querido apressa-se
Do Egypto á plaga a trazel-o,
Nem já se sente tranquilla
Até bem seguro vel-o.

Porem vós, ó Mãe fortissima,
Que, de santo amor ferida,
Desprezando adversidades,
Soffreis damnos da fugida,

Soccorrei os vossos servos
Nos successos arriscados;
E fazei voltem á patria
Os pela culpa exilados.

Jesus, da Virgem nascido,
Sêde vós glorificado,
C'ò Padre e Espirito Santo,
Por tempo nunca acabado.

II

Do Deus vero o unico Filho,
Que evita a espada proterva,
Deixado o culto dos idolos,
Egypto, a salvo conserva.

De Herodes a crueldade
Ao desterro o constrangia;
Mas de Christo a dura fuga
Da salvação mostra a via.

Vós, ó Virgem-Mãe dulcissima,
Que, com o terno Filhinho,
Atravez de mil perigos
Findaes invicta o caminho,

Farei que, rotos os laços
Que arma do inferno a ardileza,
Nosso Principe sigamos
Por planicie ou aspreza.

Jesus, da Virgem nascido etc.

TRAD. DE A. MOREIRA BELLO.

A surpresa da tempestade

«Oh que ares!... Não se pode andar lá fora!
Tu não tens frio?... Treme a natureza.
Melancholico tudo... tudo agora
Está tão só, mulher!... Ah! que tristeza.

Tão solemne reveste agora o ceu!
Que tem elle, que assim está de lucto?
Que sombra em toda a parte o percorreu!
Fechou-se o horisonte... Mas que escuto?!

Que cara para o sul! O vento vem
Gemer com dó nos alamos da fonte;
Sopra cada vez mais... E, para alem,
Como é medonho nos pinhaes do monte!

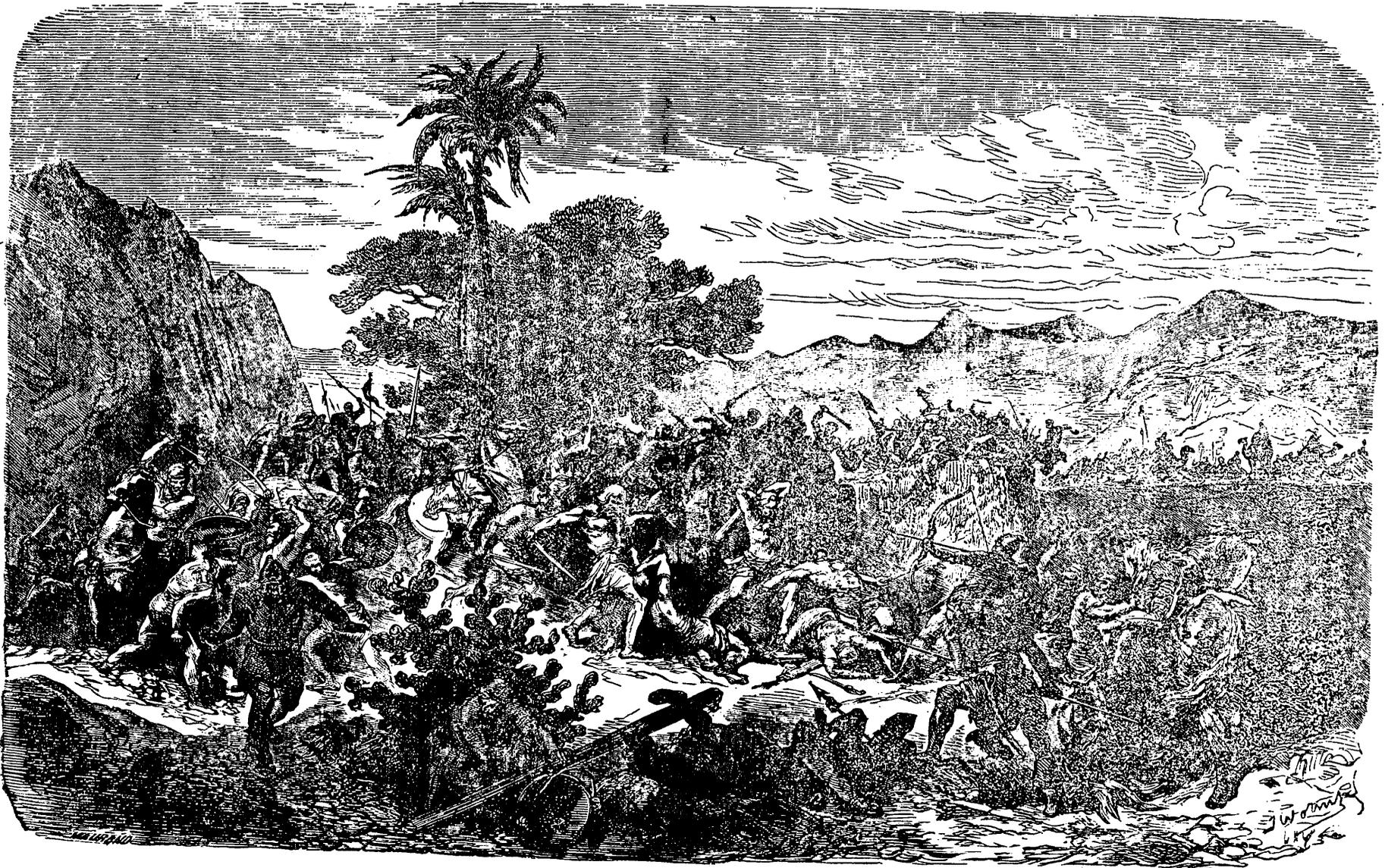
E a chuva vem chegando... Oh, que zoadal
Andam as aves a buscar abrigo.
E quanta gente, desacautelada,
Anda no campo a semear o trigo!...

Os que vêm aqui p'ra lá iam agora,
Mas aquelles andavam cá mais perto.
Eis, o que o tempo faz... pois, n'uma hora,
O campo vae ficar todo deserto.»

«Hein! E que tal?! Vindes a correr?!
Ahi vem vocês; vem outros acolá.
Ella fez-vos andar... Não ha que ver!
Rapases!... agua, como Deus a dá!

Ah! fujam, fujam, que ella ninguem poupa!
Que rija força!... Como vem tocada!
E essa gente por lá... e então sem roupa...
Por certo chega ahi toda molhada.

Voltai! No lar tão simples tão singelo,
Tudo é paz, tudo é suavidade.»
«Vês!?... aqui tem, esposa, o altar mais bello
A familia, Deus e a sociedade.



Derrota de Sehon

Mas, olha: enquanto a minha voz murmura,
Ruidos ha que eu escuto docemente:
Ahi trataes tu de coisas de costura,
E alem as creanças brincam alegremente.

Esta é a atmospheria em que existimos,
Oh, minha doce pomba commovida;
Entre puros jasmims, entre estes mimos
Que crescem no jardim da nossa vida!

Nossas almas fieis, ambas em graça,
Niveos anjos de paz em nosso lar,
Quaes flores desabrocham, quando passa
Uma por outra a luz do nosso olhar.

Bem como a linda rosa entre os abrolhos.
Olhas-me por acaso... E n'isto... Oh, ceus!
Quando eu logo te busco com os meus olhos,
E' então que me foges com os teus!

E chove menos; ouve-se o trovão.
Já no azul se desfez o negro veu.
Retirou-se para além a escuridão...
E... oh, que lindo arco lá no ceu!

Que nuvens acolá! Oh, que montanhas!
Que planicie aquellas tão distantes!...
Que serras inclinadas e tamanhas!
Que pincaros tão altos e brilhantes!»

«Pois, sim...mas, ai!... tão brancas... E passear
Naquelle encosta... vês?... alem assim...
E rosas n'aquelle valle a perfumar,
E andar lá a regar esse jardim?»

Quem habitasse lá... E quem, um anno,
Ouvisse lá da brisa o murmurar!...
Os ventos... nem eu sei... se não me engano,
Trouxeram para ali a espuma do mar.»

«Dão-lhe os raios do sol... Pura e formosa,
Deve assim ser a luz d'uns olhos lédos;
E' assim a luz da lua silenciosa,
Quando passa atravez dos arvoredos.

Mas já os rouxinoes brandos e amênos
Entoam pelos quintaes seu canto breve;
E, a brincar na rua, os pequenos,
Finda a saraiva, apanham os grãos de neve.

E levantou-se a aragem... Cae ao chão
A gota d'agua... A folha a suspensia,
Portim no ceu azul, n'essa amplidão
Eleva-se, cantando, a cotovia.»

EVARISTO MARTINS D'OLIVEIRA.

As Conferencias na igreja dos Martyres

Causaram viva impressão na capital, as conferencias celebradas na igreja dos Martyres,, pelo rev.^{mo} Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral. Já ha muito que a eloquencia evangelica portugueza não teve tam elevado interprete. Todos os jornaes, ainda mesmo os menos attreitos a fallarem de conferencias feitas nos pulpitos, elogiaram, com verdadeiro entusiasmo, o eloquente orador, cujo nome aureolado pela fama e virtudes, chamou sempre enorme concorrência áquelle templo.

De sobejo conhecemos de ha muito o grande talento do sr. Padre Luiz Cabral. Haja vista o seu monumental trabalho *Vieira-Pregador*, sahido no anno passado das officinas onde é impresso este jornal. Bastaria essa grandiosa obra, para nos dizer quem era, e quanto podia o valor intellectual do seu auctor.

O nosso collega da *Nação*, o sr. Zuzarte de Mendonça, lembrou n'uma *Carta aberta*, dirigida ao eminente orador, que seria bom que tantas perolas dispersas, fossem reunidas n'um volume, que seria outro monumento levantado não só á gloria da lingua, como á gloria da religião. São esses tambem os nossos maiores votos.

AS NOSSAS GRAVURAS

Santa Francisca Romana, viuva

Nasceu em Roma, no anno de 1384. Era rica, mas a sua principal riqueza era o céo, unico bem que ella desejava. Aos onze annos, formou tenções de se recolher a um convento, mas sua mãe casou-a aos doze com um homem rico, chamado Lourenço Ponciani. D'esse enlace nasceram dois filhos: um menino e uma menina. O primeiro morreu aos 9 annos, e a segunda aos 5, dizendo que via o mano a chamal-a, resplandecente como o sol.

Viveu com seu marido, mas nunca foi a um divertimento; e só se occupava da vida da casa, orando todas as vezes que tinha tempo disponivel.

Em 1425 fundou o Mosteiro das Oblatas, debaixo da regra de S. Bento. Viuvando em 1436, foi logo encerrar-se no mosteiro que fundára, entregando ao Creador o seu purissimo espirito em 9 de março de 1440.

Derrota de Sehon

Sehon, rei dos Amorrheus, tinha conquistado aos Moabitae a maior parte do paiz que elles occupavam. Tinha-lhes tomado Hesebon, sua capital.

Moysés não quiz ataca-lo, antes de lhe ter declarado guerra.

Mas Sehon não concedeu a Moysés licença de passar pelas suas terras. E Moysés, vendo que elle vinha ataca-lo, offereceu-lhe batalha, e venceu-o, passando depois á espada toda a nação, e apoderando-se de todo o seu territorio desde Arnon até ao Jéhoc, e até ao paiz dos Ammonitas. Hesebon, capital dos Amorrheus, foi inteiramente reduzida a cinzas.

A QUESTÃO SOCIAL

As grèves

Augmenta por toda a parte a desorganisação, no que diz respeito ás classes operarias. A' mais pequena opposição por parte dos chefes, estala uma grève. E todos se tornam solidarios pelo operario offendido ou prejudicado (ou que como tal se considera), e pedem logo aos collegas, operarios da mesma arte que não venham favorecer os industriaes, occupando os logares, que elles deixaram vagos.

Ora isto, que aos operarios se antolha uma expansão do seu orgulho offendido, é na maxima parte dos casos um grande mal, porque se não olha ás posições e á representação social entre patrões e operarios.

Desde que o capitalista cumpre o estipulado nos seus contratos, pagando integralmente no praxo fixo a feria do

operario, e não lhe exige mais horas de trabalho, ao que as primitivamente fixadas, o operario tem obrigação de cumprir á risca os seus deveres, esmerando-se por trabalhar bem, e dar lustre e proveito ao proprietario que o admittiu na sua fabrica. São estes os deveres reciprocos que se impoem entre uns e outros.

Hoje o operario não é um escravo, é um cidadão como outro qualquer, que tem deveres a cumprir, e direitos a usufruir. Se não se dêr bem n'uma fabrica, por exigencias que julgar humilhantes para a sua dignidade de homem, tem a faculdade de se despedir, e de entrar n'outra qualquer fabrica onde vá prestar o seu serviço, porque vae acompanhado d'um attestado de bom e exemplar comportamento, que lhe não pode recusar o proprietario ou mestre da fabrica d'onde se despediu.

Tudo o que não fôr isto, é um regimen anarchico que não pode ser admittido em parte alguma.

Sabemos que infelizmente ha industriaes avarentos, que só procuram os seus interesses, distribuindo miseraveis ferias pelos operarios que os ajudam a enriquecer. Isto é um facto censuravel, que não pôde admittir-se. Os operarios são homens, carecem de alimentação, vestuario e casa para viverem, não só para elles, como para as suas familias. Se esses homens não forem condignamente pagos, passam fome e inclemencias, não teem pão para si, nem para dar aos filhos, e como consequencia natural não trabalham como devem, porque nem teem forças, nem vontade para trabalhar.

Se todos se compenetrassem dos deveres que tinham a cumprir, deixava de existir a questão operaria, e simplificava se a questão do proletariado.

Trabalhavam os homens aptos, e cedia-se, por meio d'uma caixa economica, para que todos contribuíssem, um ordenado aos que, sendo velhos ou doentes, não pudessem já trabalhar com os outros. Deixaria assim de haver greves, e descontentamentos irritantes entre patrões e operarios.

A.

RETROPECTO DA QUINZENA

Interior

Aos nossos collaboradores, assignantes e amigos enviamos o nosso cartão de boas festas.

—Diferentes casos succederam durante a quinzena, todos mais ou menos importantes. Aqui os resumiremos a todos.

—Chegou a Lisboa, de visita a el-rei D. Carlos, S. M. o rei d'Inglaterra e imperador das Indias, Eduard do VII.

Houve, como é de crer, grandes fest-jos, innumerables recepções, indiscriptivel enthusiasmo. Eduardo VII, chegou no dia 2 d'abril e partiu no dia 7. Gastou-se immenso dinheiro, o governo tambem pediu algum por emprestimo, e nós depois o pagaremos, que é o que todos nós devemos esperar.

—Houve um principio de insubordinação no regimento de infantaria 18, por falta de disciplina, recusando-se alguns soldados a marchar para Aveiro, para onde seguiam por ordem do ministerio da guerra, *por julgarem que d'ahi seguiam para a Africa*. Fructos da epocha, e do pouco zelo com que se olha para assumptos de certa ponderação.

—Passou a semana santa, havendo em todos os tempos as commemorações costumadas pela morte do Redemptor.

Exterior

—Por motivo do governador civil de Salamanca ter desfeitoado um estudante, houve grandes tumultos n'aquella

cidade, tendo chegado a haver mortes e ferimentos. A agitação estendeu-se depois por toda a Hesp nha, chegando a haver mortes em Madrid, e em outras cidades do paiz visinho.

—Em razão das greves que tem havido na Hollanda, estiveram muitos dias todas as estações das linhas ferreas guardadas militarmente, tendo sido adoptadas medidas, para poderem circular os comboios estrangeiros, protegidos pelas tropas.

—Dizem de Roma que Sua Santidade goza de perfeita saude, mas que não obstante isso, o seu medico assistente o dr. Laponi o aconselha a limitar as audiencias, attenta a sua muita idade. Todavia ainda ha dias recebeu um grupo de peregrinos estrangeiros, tendo lhe feito uma allocução.

ESTUDOS

A Imprensa

Mas ha ainda um outro argumento para combater a pretensão da Italia no tocante a ser a patria do jornalismo. Essa pretensão alicersa-se principalmente no facto de existir, ao tempo, em Veneza, uma moeda chamada «gazetta», a qual teria dado o nome aos jornaes. Ora a palavra «gazetta», se bem que alguns a considerassem de origem hebraica e outros de origem hindu, é positivo que é de origem italiana. Chamavam-se assim umas pequenas moedas, cada uma das quaes representava o valor d'um exemplar. Essa moeda foi cunhada em 1536 e o primeiro jornal veneziano que appareceu com esse titulo não é anterior a 1760, quando em França, onde a moeda era desconhecida, já existia um periodico chamado *Gazette*, fundado por Theophraste Renaudot, periodico que em 1760 já contava 130 annos de existencia. Este argumento invalida as pretensões da Italia e colloca a existencia das *Nottizie* n'uma situação muito contestavel.

Examinem-se agora as pretensões da Inglaterra. Chalmers, um dos sabios mais notaveis da Grã-Bretanha, procurando um dia uma obra rara no *British Museum*, um dos mais completos do mundo, descobriu n'uma collecção de jornaes antigos trez folhas isoladas, tendo por titulo *The English Mercury*, com os numeros 50, 51 e 54, e datadas de 1588. Ora esta descoberta era o bastante para enthusiasmar um sabio, ainda que esse sabio pertencesse ao paiz onde o enthusiasmo é difficil e onde triumpham com toda a linha a phlegma e o sangue-frio. Chalmers via, n'esta descoberta, a prova evidente de que fora em Inglaterra que apparecêra o primeiro jornal, e elle, que outr'ora fôra um partidario ardente da prioridade de Veneza, em resultado de muitas investigações feitas pelos archivos da Europa, tornou-se o mais dedicado apologista da prioridade da Inglaterra na publicação do primeiro jornal.

N'um discurso que pronunciou, pouco depois da sua descoberta, dizia elle, cheio de calor e convicção: «Depois de ter feito em diferentes paizes largas investigações sobre a origem dos jornaes, tive a satisfação de achar na propria Inglaterra o que eu fôra procurar fóra d'ella. Sim, podemos dizer, para nossa maior gloria que a humanidade deve o primeiro jornal á sabedoria de Isabel e á prudencia de Burleigh.» Eram respectivamente a rainha e o primeiro ministro, contemporaneos da data indicada n'aquelles numeros avulsos do *Mercury*. Mas uma tremenda desillusão esperava o sabio Chalmers. Quando a prioridade da Inglaterra na invenção do jornal parecia mais incontestavel, descobre-se

subitamente que aquelles numeros de *The English Mercury* eram apocryphos. Chalmers, despenhado do alto das suas illusões, viu-se escarnecido até pelos seus proprios compatriotas, que riam do seu engano com vontade. Proclamada a falta de authenticidade de *The English Mercury*, a Inglaterra não poude mais com razão disputar a prioridade do jornal ás outras nações. Os jornaes inglezes mais antigos, depois do falso *Mercury*, eram as *News*, folhas volantes que narravam os acontecimentos mais notaveis da epoca; mas o seu apparecimento data de 1622 e n'esse anno já se publicavam outros jornaes no continente. Diga-se de passagem que as *News*, logo chrisrnadas em *Weekly News*, tiveram por director o celebre Nathaniel Butter e terminaram a sua publicação em 1640. Do concurso foi pois excluída definitivamente a Inglaterra.

A sorte da França não foi mais risonha. Julgou-se durante muito tempo que a sua *Gazette*, fundada por Theophraste Renaudot, era o jornal mais antigo do mundo, apesar do seu primeiro numero apparecer em maio de 1631. N'essa epoca já se publicava um jornal na Hollanda e é definitivamente a esta nação que teremos de conferir a honra de ter publicado o primeiro jornal. Não vale a pena fazer aqui a historia do apparecimento da *Gazette*, que se encontrará adiante n'um capitulo especial onde se tratará da evolução do jornal em França. Digamos porém desde já que, de todas as publicações da epoca, com caracter de jornaes, a mais bem feita era a celebre gazeta franceza. Contemporaneo da *Gazette* de Renaudot publicou-se em França um jornal tambem manuscripto, o *Mercurio Francez*, cuja existencia terminou em 1643, ignorando-se a data precisa do seu apparecimento.

N'esta lucta reivindicadora quem tem menos razão é a Allemanha, á qual escasseiam argumentos para defeza d'uma prioridade muito discutivel. Pruth, medico distincto e notavel historiador, foi quem primeiro se lembrou de dar á Allemanha esse titulo de gloria. Mas Pruth desconhece a historia do jornal; é um obcecado pelo patriotismo insensato que pretende supprir com o seu entusiasmo a falta de argumentos para sustentar as suas affirmações. N'uma obra consagrada ao assumpto sustenta elle, um pouco ridiculamente, que «só a Allemanha, pela sua organização liberal e pelos caracteres que a distinguem, seria capaz de inventar, não só o jornal, como tambem os typos moveis.» A admitir-se esta philosophia da historia, pondera judiciosamente Hatin, simplificar-se-hiam sem duvida as questões em litigio; mas o menor documento é mais concludente que todas as provas abstractas. O dr. Pruth era da mesma força d'um seu compatriota que sustentava que a palavra *alleman* derivava dos vocabulos inglezes *all* e *man* (todós os homens) como se quizesse indicar assim que á sua patria pertencia o dominio universal.

Os primeiros jornaes allemães devem-se aos Fugger, os celebres banqueiros de Augsburgo, que se tornaram notaveis pela escandalosa questão da venda de indulgencias, que a Igreja verberou com todo o rigor. Os Fugger, em virtude das suas relações commerciaes e da frequente correspondencia que recebiam, lembraram-se de fundar um jornal que se chamou *Ordinari Zeittugen* (Noticias Ordinarias). De tal forma cresceu a importancia d'este jornal que logo nos seus primeiros numeros foi necessario publicar um supplemento que se intitulou *Extraordinari Zeittugen*, supplemento cuja publicação mais tarde se regularizou, sahindo metade das vezes que a gazeta se publicava. O preço de cada exemplar, quer da gazeta, quer do supplemento, era de quatro kreutzers. Por assignatura custava o jornal an-

nualmente 25 florins e o supplemento 14. A distribuição era feita nos domicilios.

(Continua).

Razão Philosophica

E

Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calzans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.

(CONTINUAÇÃO)

1.^a O homem foi creado nas condições, em que actualmente se apresenta.

2.^a O homem é a ultima evolução de uma serie de transformações da materia.

3.^a O homem foi creado em condições differentes e muito superiores áquellas em que vive na terra.

Examinemos cada uma d'estas questões.

1.^a O homem foi creado nas condições, em que actualmente se apresenta.

A observação attenta da natureza mostra, que cada ser no seu giro, ou na sua evolução, obedece a leis, que tornam invariaveis as suas condições de existencia; no homem, porem, como homem, essa regularidade desaparece, e attentamente considerado, quer individual quer collectivamente, só offerece um conjuncto de desharmonia e de contradicções. Se segue as suas inclinações, se satisfaz os seus appetites, ou se prejudica a si, ou aos seus semelhantes, quando não acontece uma e outra cousa ao mesmo tempo; se combate aquellas, e resiste a estas, passa uma vida de sacrificio; e tanto de um como de outro modo parece ser um ente excepcional no meio da natureza, ou cujo modo de ser tem differido de todos os outros. E sendo assim, como a irregularidade do homem não affecta a regularidade do universo, este caminha na sua marcha inalteravel, o que não succederia se em todos os outros seres, que o compõem, se desse a mesma irregularidade que no homem, porque então a sua existencia seria impossivel. E como a razão não comprehende o motivo d'esta excepção, conclue que o homem não foi creado nas condições, em que actualmente se apresenta.

2.^a O homem é a ultima evolução de uma serie de transformações da materia.

O argumento adduzido na primeira hypothese serve em primeiro logar para rebater a segunda. De facto, se o homem é o resultado da ultima transformação natural na terra, porque se alterou n'elle essa regularidade, que se observa em todos os seres da natureza?—E note-se, que a mudança não tem logar por força da natureza, porque se não opera no que é essencialmente material, mas pela natureza do mesmo homem, em que ha alguma cousa, que differe essencialmente de toda a natureza material, e caracteriza a mudança que n'ella somente se observa. Essa cousa que se não encontra em algum outro ser material, é o principio intelligente. O homem é o unico ser corporeo, que tem liberdade nos seus actos, e que não caminha cega e fatalmente para um fim; o homem é o unico que pensa e raciocina, é o unico racional; isto ninguem o contesta. E procederá esse attributo da materia? Vejamos.

De que servirá como attributo para a existencia do mundo material a intelligencia do homem?—Da harmonia das leis a que cada ser está sujeito, e do equilibrio, que d'ella resulta, depende a sua existencia, que consiste n'esse mesmo equilibrio; e nos seres do mundo material, incluindo todas as manifestações biologicas, deve haver os attributos necessarios para o sustentar, e não vejo em que o principio intelligente do homem para isso contribua. E'

pelo instinto que os irracionais, que são os seres mais próximos ao homem, satisfazem ao seu fim todo material, pelo que se o fim do homem fosse da mesma natureza o instinto lhe bastaria, e o mundo material não soffreria com isso alteração alguma.

E', pois, claro, que não servindo de nada a intelligencia do homem para a existencia do mundo natural, não pode considerar-se como procedendo de materia; até mesmo porque o homem como ser intelligente rege-se, eu deve-se reger, como veremos, por leis, que nada tem de commum com as de natureza material.

Será então a intelligencia humana uma excrecencia em a natureza, uma cousa inutil? — Sem duvida que o materialista se vê obrigado a affirmar-o; razão porque o materialismo tende, como consequencia muito logica, a bestialisar o homem. Mas não, Deus não creou cousa alguma sem destino, e inutilmente; suppo o repugna á perfeição, que se observa na constituição do universo: logo a intelligencia humana, attributo, que de nada serve para a existencia do homem, como ser animal, prova:

1.º Que alem do mundo material existe alguma cousa.

—2.º Que o homem pertence-lhe, ou lhe está ligado.

Com effeito, este attributo de que o homem é dotado, dá-lhe uma natureza e um modo de ser taes, que pode ser considerado em relação á natureza physica como um ente sobrenatural. A sciencia que, estudando os seres da natureza, começando nos mais simples, caminhou sempre por uma estrada plana; quando do alto da escala zoológica encara o homem, e o contempla como ente racional, vê-o a uma distancia incommensuravel, e entre ambos um abismo, que lhe é impossivel transpor. Reconhece que no longo caminho, que percorreu, não encontrou o mais ligeiro fundamento, onde pudesse estabelecer um ponto de partida ao principio racional, que o rege, ou cousa que com elle tivesse a mais remota relação; e o mais que pode fazer é exclamar: Porque é que tu, que te revestias a tão grande distancia do ponto, aonde pude chegar; tu, que com o pensamento percorres não só a terra em um momento, mas transpões os espaços, manifestas as mais arrojadas concepções, não possues um organismo em relação e harmonia com esse poderoso agente, cuja natureza os meus recursos não alcançam conhecer? Com que razão de ser se apresenta ahi essa entidade deslocada, sem ligação alguma com o que hei conhecido, e que só por si fornece assumpto a uma outra sciencia, que lhe é inteiramente particular? (1) Quem responderá a estas perguntas?

A difficuldade das respostas não obsta ao reconhecimento do facto, que é palpavel. O homem como ser intelligente e racional desloca completamente da natureza material, e obedece a leis, que não tem applicação alguma ao mundo physico; pelo que as sciencias, que derivam d'essas leis, que são as da moral, fundamento da sociedade, taes como a theologia, o direito, a philosophia, a historia, a politica não tem, nem podem ter, ligação alguma com as que tem por objecto aquelle mundo.

E será o homem o unico ser intelligente? — Se na terra assim é, e por isso antigos philosophos com razão o chamaram um pequeno mundo—microcosmio—seria insensato suppo-o do mesmo modo em relação ao universo. Pois se o mundo physico, e só na terra, se compõe de uma infinidade de seres, será racional suppo, que o mundo intellectual, que lhe é infinitamente superior, se reduz só ao homem? — Não pode ser.

Existe pois, e deve existir, uma outra ordem de cousas, um mundo dos seres intelligentes, de que o homem faz parte; pelo que pertence tambem a um mundo, que

se não limita á terra, e não pode deixar de ter intimas ligações, e estreitas relações com elle.

E quaes são essas relações e ligações, e como se manifestam? São, tanto quanto a razão o pode conceber, a sujeição ás leis, por que se rege esse mundo; sujeição que se manifesta por modo analogo ao da sujeição em que elle está ás leis do mundo physico. Com effeito o homem soffre physicamente se causas de natureza physica actuam sobre o seu organismo de modo a alterarem-lhes a regularidade funcional. Do mesmo modo a sociedade caminha bem ou mal, segundo se observam, ou se transgridem, as leis da moral, que são as do mundo intellectual.

E porque? porque as leis, em que se funda a sociedade, não são aquellas, por que se rege a materia.

E essas leis serão so privativas do homem, como existe na terra? parece que não; porque ellas prendem, e tem a base em principios e verdades eternas e immutaveis, e o homem na terra não é eterno, nem é immutavel. Logo existe um mundo, a que pertencem os principios, verdades eternas, em que se basêam as leis que regem a sociedade humana e o homem pertence tambem a esse mundo.

A historia encarrega-se de mostrar que os homens tem sido tanto mais dignos e felizes, e a sociedade tanto menos imperfeita, e mais bem morigerada, quanto mais em harmonia com esses principios constituída.

Continúa.

—*Diccionari Apologetico da Fé Catholica*—Está em distribuição o fasciculo n.º 34, quasi todo occupado pela continuação do espendido artigo:

Milagre,—que é um verdadeiro tratado d'este assumpto, magistralmente desenvolvido na comprovação dos milagres no séio da Igreja, e concluindo por invalidar com poderosos documentos os pretendidos milagres das seitas anti-catholicas e das religiões falsas.

Conclúe o fasciculo com os artigos:

Missa,—contendo breves, mas concludentes soluções a oito objurgatorias com que os protestantes e incredulo pretendem desabonar este incruento Sacrificio.

Missionarios (A liberdade dos indigenas americanos e os),—começo d'este artigo historico, em defeza dos primeiros trabalhos das Ordens Religiosas na evangelização da America.

A traducção d'esta esplendida obra está confiada ao illustre jornalista catholico snr. Gomes dos Santos, e continua sendo revista pelo Ex.º Snr. Carlos das Neves, doutor em theologia, que a tem enriquecido de valiosas notas.

Continúa a assignatura aos fasciculos ou volumes, para os poucos exemplares que ainda restam.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º —Porto.

—*Biblia Sagrada*—Recebemos o fasciculo n.º 80 d'esta publicação, luxuosamente illustrada. E' editada pela empreza da «Historia de Portugal», de Pinheiro Chagas.

Assigna-se e vende-se na rua de D. Pedro, 116, 1.º andar e nas livrarias. Cada tomo 300 reis, fasciculo 60 reis.

“PROGRESSO CATHOLICO,”

Compra-se na administração d'este jornal
o sétimo anno d'este jornal.

(1) A Psychologia.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres,
Doutores da Egreja*

e outros eminentes auctores e coordenadas por

A. L. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.ª EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.º e Rev.º Snr. Cardeal D. Americo

3.ª Edição—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»*

Preço, enc. . . 160 reis

Padre Alfonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de
Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.º e Rev.º Snr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peizoto do Amaral

1 vol., broch. . . 400 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulenciada pelo Ex.º e Rev.º Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1.000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.ª O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer
tempo do anno
com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsieur Manuel Marinho

Approvado e indulenciado pelo Ex.º e Rev.º Snr.
D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 réis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;
paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu
guezas.